

EPISTEMOLOGÍA E HISTORIA DE LA CIENCIA

SELECCIÓN DE TRABAJOS DE LAS XV JORNADAS

VOLUMEN 11 (2005)

TOMO I

Horacio Faas

Aarón Saal

Marisa Velasco

Editores



ÁREA LOGICO-EPISTEMOLÓGICA DE LA ESCUELA DE FILOSOFÍA
CENTRO DE INVESTIGACIONES DE LA FACULTAD DE FILOSOFÍA Y HUMANIDADES
UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons atribución NoComercial-SinDerivadas 2.5 Argentina



A hermenêutica de Santo Agostinho e as discussões sobre a legitimidade da astrologia no século XVII

Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira*

Considerações iniciais

Obras do século XVII revelam a importância da Bíblia como elemento capaz de legitimar ou não a astrologia. Na época, a relação ciência-religião parece de tal modo indissolúvel a ponto de tornar difícil (se não um anacronismo) separar nas críticas à astrologia argumentos técnicos dos religiosos.

CHRISTIAN ASTROLOGY

MODESTLY

Treated of in three Books.

The first containing the use of AN EPHEMERIS,
the erecting of a Spherum of Heaven; Nature of
the twelve Signs of the Zodiac, of the
Planets; with a most useful Introduction
to the whole Art of ASTROLOGY.

The second, by a most Methodical way, instructeth
the Student how to Judge or Resolve all manner of Que-
stions concerning the Nature, Use, of Health, Sick-
ness, Pleas, Marriage, Professions, Journeys, &c.
Several Questions inserted and Judged.

The third, contains an exact Method, whereby to
Judge upon Nativities; severall ways how to rectifie
them; how to Judge the generall fate of the Native by the
twelve Houses of Heaven, according to the naturall
Influence of the STARS; how the particular
and Annuall Accidents, by the Art of Di-
rection, and its exact measure of Time
by Propositions, Expositions, Transits,
Altogether Judged by the Me-
thod prescribed.

By WILLIAM LILLY Student in Astrology.

Quis scripsit, et scripsit: Nulli scilicet, quod non dicitur prius.

Printed by The Printer for John Pim and Henry Stedon, in Book
shops in the Church-yard in Cornhill, 1647.

Figura 1

Livro do astrólogo William Lilly cujo título demonstra a necessidade de mostrar a compatibilidade entre astrologia e cristianismo.

Nesse contexto, interpretar o que as Escrituras tinham a dizer sobre astrologia tornou-se ingrediente freqüente nas obras *contra* ou *a favor* dela. Curiosamente, os textos bíblicos aos quais recorriam para falar contra a astrologia muitas vezes eram os mesmos aos quais recorriam os que escreviam a favor dela. Aliás, nem sempre os que a defendiam interpretavam de modo idêntico uma passagem. O mesmo pode-se dizer a respeito dos que a atacavam.

O embate entre esses posicionamentos tornou-se uma questão de hermenêutica. Muitos autores recorriam às recomendações sugeridas por Santo Agostinho. Ele, como veremos, considerava que a astrologia não era digna da atenção dos cristãos. É interessante notar, no entanto, a existência de autores que, usando o método agostiniano, chegaram a uma conclusão oposta.

* Pontificia Universidad Católica de São Pablo.

Nesse trabalho estudamos o método de interpretação proposto por Agostinho, e sua utilização, no século XVII, nas discussões acerca do posicionamento da Bíblia em relação à astrologia.

Interpretando as Escrituras segundo Agostinho

Escrita entre os séculos IV e V, *A doutrina cristã*, de Agostinho, pode ser entendida como um tratado de hermenêutica: "A respeito da interpretação das Escrituras existem certas normas que me parecem poder ser ensinadas com proveito aos que se dedicam a esse estudo" (Agostinho, 397-427, p. 41).

Pela análise do texto no seu devido contexto histórico, era possível entender o que a própria distância temporal tornava mais difícil de ser entendido (Agostinho, 397-427, pp. 180-1).

A interpretação de modo alegórico era indispensável para que não se concluíssem coisas que a Bíblia jamais diria. Isso parece particularmente recomendado em casos embaraçosos:

Se [...] ela ordenar seja uma ignomínia, seja um delito, ou proibir seja um ato de benevolência, seja de utilidade, essa expressão está em sentido figurado (Agostinho, 397-427, p. 178).

Entender no sentido literal algo que tem sentido alegórico é entender no sentido carnal. Não se trata simplesmente de um erro de interpretação: "coisa alguma pode ser chamada com mais exatidão de morte da alma do que a submissão da inteligência à carne" (Agostinho, 397-427, p. 165).

Dificuldades na leitura também podiam ser dirimidas pela confrontação de passagens. Para entender, por exemplo, o sentido de uma palavra numa determinada passagem recorre-se a outras nas quais a mesma é empregada. Trata-se da compreensão da Bíblia pela Bíblia: "Nas passagens mais claras se há de aprender o modo de entender as obscuras" (Agostinho, 397-427, p. 189).

Para compreender as Sagradas Escrituras, seriam necessários pré-requisitos como o conhecimento de línguas e de áreas variadas como geografia, história natural, etc. Caso contrário, o leitor não conseguiria compreender freqüentes comparações nas quais são empregadas expressões figuradas sobre animais e plantas, por exemplo (Agostinho, 397-427, p. 117).

Quanto à astronomia, pode-se dizer que a atitude de Agostinho era curiosa. A astronomia era legítima, dava previsões "garantidas e exatas" sobre o posicionamento dos astros, e era possível estudar o movimento desses. Em contraposição, era pouco útil e raramente mencionada pelas Escrituras. Aliás, sua proximidade em relação à astrologia era motivo para que ela não fosse estudada (Agostinho, 397-427, pp. 126; 132-3; 137).

Esse posicionamento, fundamentado numa extensa argumentação, como não poderíamos deixar de esperar, incluía a interpretação da Bíblia:

Não somente nos adverte que fuja dos atos culpados, como fruto dos professores de mentiras, mas vai até dizer: "Ainda que aconteça o que eles vos anunciaram, não creiais neles" (Deuteronômio 13, 1-3) (Agostinho, 397-427, p. 128)

As condições dos astros no nascimento de uma pessoa não teriam relação com o seu futuro. Dificuldades de observação impediam o registro da “fração de tempo mínima e imperceptível” entre os nascimentos de gêmeos, que seria, segundo ele, a tradicional justificava para as diferenças de temperamentos e destinos entre essas pessoas (Agostinho, 397-427, pp. 126-7).

Ainda que tais diferenças pudessem ser registradas, o caso bíblico de Esaú e Jacó revelava a falsidade da astrologia. Os dois teriam nascido sob as mesmas constelações (Jacó nasceu segurando o calcanhar do irmão), e, no entanto, tiveram destinos diferentes.

Profissionais da astrologia se dedicavam a interpretar sinais fictícios, sem valores intrínsecos, através dos quais se estabelecia a aliança com os demônios (Agostinho, 397-427, pp. 128 e 169).

As idéias de Agostinho repercutiam intensamente nas discussões sobre astrologia na convulsiva ambiência inglesa do século XVII. Também pudera, pois as concepções de reformistas como Luther e Calvin tinham sido profundamente influenciadas pelos escritos agostinianos (Kirwan, 2001, cap. V).

Século XVII, uma questão de hermenêutica: as Escrituras eram contra ou a favor da astrologia?

Então, disse o Senhor, não aprenda como os Pagãos, e não fique atemorizado com os Sinais do Céu; porque os Pagãos ficam atemorizados com eles (Jeremias, 10.2)

Na Inglaterra do século XVII, esse trecho de Jeremias parece ter sido um dos mais recorrentes nos debates a respeito do posicionamento das Escrituras em relação à astrologia. Exemplo curioso dessa “guerra de interpretações” foi protagonizado pela dupla Christopher Heydon e John Chamber.

“*Learne not the way of the heathen, and feare not the signes of Heaven, though the heathen be afraid of such*” foi a tradução inglesa que Chamber teria interpretado indevidamente:

[...] o Profeta proibiu temor, M. Chamber, crédito. [...] Onde a palavra *fear*, não deve ser simplesmente entendida como aquela paixão ou enfermidade oposta à coragem, mas sim como reverência religiosa, e culto divino [...] (Heydon, 1603, pp. 23-4).

Heydon reconheceu que, embora aquele posicionamento não fosse exclusivo de Chamber, esse não era o caso da maioria. Além disso, autores coetâneos teriam revisto e descartado a oposição daquele trecho à astrologia. Assim, para usá-lo, era preciso demonstrar que esta ensinava a cultuar os corpos celestes, já que era contra isso que o profeta se posicionava.

A TREATISE
AGAINST IVDI-
CIAL ASTROLOGIE

Dedicated to the right Honorable Sir
THOMAS BERTON Knight, Lord Keeper
of the great Seale, and one of her
Majesties most honorable
private Councill.

*Written by JOHN CHAMBER, one of the Proben-
daries of the Church of Christ Church of
Oxford, and Fellow of
Salem College.*



*Printed at London by Iohn Harison at
the Signe of the Grey-hound in Paternoster
Rowe. 1601.*

Figura 2

Obra do cônego John Chamber contra a astrologia

Análises cuidadosas e detalhadas desse trecho foram produzidas. Em 1652, diante da iminência de um eclipse solar, o religioso John Swan aconselhava ao povo que não se amedrontasse. *"Thus saith the Lord, Learn not the way of the Heathen, and be not dismayed at the Signs of Heaven; for the Heathen are dismayed at them"* —foi a tradução inglesa com a qual Swan iniciou sua interpretação. (Swan, 1652, p. 3).

Heydon e Swan recorreram a procedimentos delineados por Agostinho. Heydon seguiu um método específico ao qual impingiu o caráter de "consagrado", e acusou Chamber de não o empregar deliberadamente (Heydon, 1603, p. 28).

Comparou esse trecho a outros em que a palavra *fear* foi empregada e verificou o prosseguimento do discurso do profeta. Concluiu que a adoração dos signos celestes era dita ofensiva. Para confirmar sua conclusão verificou se outras passagens também faziam essa condenação.

Swan recorreu ao texto bíblico original, traduções para outras línguas, além de outras interpretações (Swan, 1652, p. 3). Se a expressão hebraica traduzida como *be not dimayed* fosse traduzida como *fear not*, a interpretação podia ser outra: *"Não Reverencie os Sinais do Céu [...]"* (Swan, 1652, p. 4). Parecia inclinado a aceitá-la visto que a expressão hebraica tinha mais um sentido ativo, como "adoração", do que passivo, como "sentir-se atemorizado".

Mas, como a atitude passiva de medo podia levar à atitude ativa de adoração, Swan reagiu com procedimentos à *la Agostinho*: compreender passagens obscuras por outras mais claras. Verificou o sentido, em outros trechos, da mesma expressão hebraica. Analisou o que vinha em seguida às linhas que desejava interpretar. Concluiu, enfim, que a tradução para "não cultuar" era mais apropriada e podia ser confirmada por outras passagens.

Jean Calvin, anos antes, e Richard Carpenter, num sermão de 1657, interpretaram o trecho de Jeremias dessa maneira (Calvin, 1651, [p. 40]; Carpenter, 1657, pp. 11-12; 25). Referindo-se a esse trecho, Carpenter criticava a manipulação de textos bíblicos para parecerem contra a astrologia, quando, na verdade, a favoreciam. Para endossar seu posicionamento, também procurou outras passagens que condenavam "esse tipo de adoração profana".

Em defesa da astrologia, observou-se que se Jeremias se referia aos corpos celestes como "sinais", era porque significavam algo (Heydon, 1603, p. 27; Wing na carta ao leitor de Atwell, 1660; Swan, 1652, p. 9).

George Atwell conjugou intensamente trechos bíblicos (Gênesis, Jeremias e do Evangelho Segundo São Mateus) para mostrar que as estrelas eram signos. Não foram criadas para sinais das estações, e sim para sinais e estações (Atwell, 1660, pp. 3-4, 18). Apoiando-se no Gênesis, também Carpenter defendeu o estudo os astros porque esses eram sinais. "And let them be for Signs, & c." - transcreveu da tradução inglesa da qual dispunha.

Anos depois, no entanto, Francis Crow citou esse mesmo trecho para acusar os defensores da astrologia. Deus disse que eram sinais, sem revelar para o quê exatamente. Apoiando-se em trechos do *Evangelho Segundo Mateus* (Mat. 16.2, 3) e do *Gênesis*, Crow os considerou sinais para medir o tempo e prever o clima. Não eram sinais para nada além disso (Crow, 1690, pp. 1-3).

THE
VANITY
AND
IMPIETY
OF
Judicial Astrology

WHEREBY

Men Undertake to foretell future Con-
tingencies, especially the particular
Fates of Mankind, by the Knowledge of
the Stars, i. e. the Conjunctions, Motions
Positions, and Influences of the Celestial
Bodies on the Earthly.

By FRANCIS CROW, M. A.
Minister of the Gospel.

L O N D O N,

Printed for John Dunton, at the
Recess in the Poultry. MDCXC.

Price Sixht

Figura 3

Livro do religioso Francis Crow contra a astrologia

Em anos anteriores, Jean Calvin, embora não tivesse tantas restrições à astrologia, também havia apontado essa questão. Só era sensato entendê-las como sinais para plantar, fazer sangrias, tomar remédios e cortar árvores (Calvin, 1651).

Para John Allen, a Bíblia mostrava a relação entre as estrelas e as estações e medidas de tempo, mas nada dizia a respeito de terem poder sobre a mente e alma humanas. Se fossem causas ou sinais seriam do tipo universais e indeterminadas, impedindo as previsões. (Allen, 1659, pp. 4-5; 12-3).

Muitos dos que aceitavam boa parte da astrologia, ainda assim acreditavam que Deus podia agir sem elas. "*Mostre-me as coisas que estão por vir, e nós podemos dizer quais são as de Deus*", eram palavras de Isaías nas quais Carpenter se apoiava para diferenciar coisas previsíveis, dependentes de causas naturais e necessárias, das dependentes de causas contingentes, só sabidas por Deus (Carpenter, 1657, p. 32).

Também para John Swan, era necessário conhecer as causas naturais das coisas comuns para saber até onde a natureza podia agir, e, assim, reconhecer os milagres de Deus (Swan, 1652, p. 23).

Não era tão diferente do que pregava Calvin. As estrelas eram dependentes de Deus, e não o contrário. A interferência de Deus se sobrepunha às estrelas, e isso não raramente, como nos milagres e na correção dos pecados (Calvin, 1651, [pp. 33-6]).

Guardadas as devidas proporções, também Heydon considerava que Deus agia diretamente no caso dos milagres. A astrologia não feria a providência divina (Heydon, 1603, To the learned and unpartiall Reader).

Mas, nem todos pensavam assim. Crow nem levava em conta o fato de astrólogos dizerem que Deus agia através das estrelas. A astrologia simplesmente significava não atribuir as coisas a Deus (Crow, 1690, p. 17). Ele, no entanto, às vezes parecia se contradizer. Se a astrologia atribuía os atos às estrelas, como dizer, ao mesmo tempo, que fazia Deus o autor dos pecados (Crow, 1690, pp. 20-1)?

Crow não negava as influências astrológicas, mas sim a possibilidade de estudá-las e fazer previsões para seres humanos. Aliás, apontava ele, mesmo as previsões climáticas eram incertas. A Bíblia negava a possibilidade de conhecer os céus (Crow, 1690, pp. 6 e 19):

Ecl. 8. 7. Porque ele não sabe o que virá.

E no Cap. 10.14. novamente, disse o Homem Sábio. Um Homem não pode dizer o que ocorrerá; e virá depois dele quem poderá dizê-lo?

Também a esse trecho bíblico que diz somente que o homem não sabe o futuro, John Raunce recorreu para concluir que "é muito aparente" que a Bíblia se posiciona explicitamente contra a astrologia (Raunce, 1650, p. 7).

Quanto à ligação entre demônios e astrologia tantas vezes lembrada por Agostinho, as opiniões eram várias. Era comum aceitá-la (Melton, 1620, pp. 41-5, 57, 74; Raunce, 1650, p. 3; Crow, 1690, pp. 4 e 15; Allen, 1659, p. 16).

Em contrapartida, geralmente quem criticava a astrologia era porque não à conhecia, diziam John Swan, Vincent Wing, George Atwell, e muitos outros. Wing acrescentava que os ignorantes eram mesmo inimigos da ciência, e que o fato de homens letrados escreverem a favor da astrologia demonstrava que ela nada tinha de diabólica. Atwell recomendava que os astrólogos não se incomodassem com essas acusações. E Heydon, por sua vez, ironizava dizendo que a astrologia tinha tanta relação com o diabo quanto o céu com o inferno (Atwell, 1660, To the Reader e pp. 20-1, 45; Heydon, 1603, To the learned and unpartiall Reader).

A respeito das habilidades de Moisés narradas no *Êxodo*, John Allen recorria ao “observar os costumes da época”, lembrado por Agostinho. Creditava conhecimentos exclusivamente *teóricos* e não *práticos* de Moisés e Daniel em astrologia ao contexto em que viviam (Allen, 1659, p. 7).

Sobre essa mesma passagem, John Swan observou que Moisés reprovava a mistura de encantamentos a essa arte (Swan, 1652, pp. 24-5). Para Swan, naquilo que era legítimo o diabo semeava coisas más como amuletos e imagens. Essa opinião era compartilhada por outros (Atwell, 1660, pp. 3 e 23; Carpenter, 1657, pp. 25-7). Carpenter acrescentava que se por isso os signos astrológicos fossem considerados ilegítimos, também deviam ser as ervas, dado ao seu emprego por bruxas e mágicos. Além disso, se a Bíblia em algum momento se posicionava contra os astrólogos era necessário ver quem eram esses e o que fizeram.

O astrônomo Vincent Wing também se queixava de que à astrologia praticada por profissionais honestos guiados pela razão e influências naturais, grandes abusos eram agregados (Atwell, 1660, To the Reader). A profissão não devia ser desmerecida, e sim os que abusavam dela (Heydon, 1603, To the learned and unpartiall Reader; Atwell, 1660, p. 14).

No século XVII, idéias de Agostinho eram freqüentes nas críticas à astrologia. Surpreendentemente, no entanto, Richard Carpenter, conseguiu distorcê-las a ponto de fazê-lo parecer favorável a ela:

[...] Santo Agostinho expondo uma passagem de Jó onde os Textos sagrados mencionam as agradáveis influências das Plêiades e Orion diz: [...] Devemos diligentemente pesquisar sobre Astrologia, de forma que possamos conhecer as propriedades dessas Estrelas, e compreender a passagem (Carpenter, 1657, pp. 13-4; 18).

Para justificar por quê a astrologia devia ser estudada, Carpenter utilizou argumentos idênticos aos empregados por Agostinho para justificar o estudo de outras áreas. Agostinho não usou esses argumentos para a astrologia, mas Carpenter parece ter deliberadamente “esquecido” de mencionar isso

Rebatendo a suposta condenação bíblica da astrologia, John Swan se apoiou num trecho do *Eclesiastes*: “[...] há um momento para cada coisa e uma época para cada propósito sob o Céu” (Swan, 1652, p. 24). Para ele, havia um tipo de observação prudente e não supersticiosa, benéfica à humanidade, e de modo algum ofensiva a Deus.

“Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento mostra o trabalho de suas mãos” - extraiu Carpenter de um salmo (*Salmos* 19 1, Carpenter, 1657, p. 7) George Atwell assinalava, ainda, que cabia aos astrólogos um papel semelhante ao dos religiosos: “[...] que o Ministro interprete a palavra de Deus, e o Astrólogo os seus trabalhos” (Atwell, 1660, pp. 13 e 37).

Para Francis Crow e Christopher Heydon o estudo das estrelas levava ao reconhecimento da beleza da obra de Deus (Crow, 1690, pp. 22-3, Heydon, 1603, To the learned and unpartiall Reader). Mas Crow, ao contrário de Heydon, não incluía nesses estudos a astrologia do tipo judicial, e sim, no máximo a astronomia.

É interessante que o próprio Raunce muitas vezes deixou transparecer estar ciente de que estas eram as *suas interpretações*, e que as Escrituras não se posicionavam explicitamente contra a astrologia. Ao mesmo tempo, pareceu deliberadamente inverter o ônus da prova. Desafiava que conseguissem provar que as Escrituras se posicionavam a favor dela.

Christopher Heydon dizia que, de modo geral, os argumentos bíblicos eram manipulados para parecerem se opor à astrologia. Chamber, por exemplo, tê-los traduzido mal para adaptá-los ao bel prazer (Heydon, 1603, *To the learned and unpartiall Reader* e p. 28).

Nos casos de John Raunce e John Allen, é interessante notar que muitas vezes os trechos usados talvez não se posicionassem especificamente contra astrólogos. Consideravam que esses eram chamados na Bíblia (*Isaiás 47, 13.14*), pelos termos, em inglês, *Star-gazers, monthly prognosticators* e apareciam juntos a *magicians, sorcerers, caldeans, soothsayers, wisemen*. Então, além dos trechos que na tradução inglesa apresentavam a palavra "astrólogo", qualquer trecho que se referisse a essas outras pessoas eram evidências contra os astrólogos (Allen, 1659, pp. 1-2; Raunce, 1650, p. 27).

O debate a respeito da nomenclatura adquiriu grandes proporções. Christopher Heydon, por exemplo, foi um dos que se posicionaram detalhada e explicitamente a respeito dessa questão. Recorreu a expedientes recomendados por Agostinho para mostrar a existência de várias interpretações/traduições para uma palavra que Chamber concluiu unicamente ser "astrólogo". Verificou trechos bíblicos originais, consultou traduções para o inglês e outras línguas. "Mágicos, adivinhadores, bruxos, videntes e feiticeiros" (*wizzards, soothsayers, wisemen, seers, sorcerers*) eram termos que não funcionariam como sinônimos para "astrólogos". Não se dirigiam a quem exercia a astrologia legítima e pura, mas sim a misturada a coisas indignas (Heydon, 1603, *To the learned and unpartiall Reader*).

Considerações finais

Numa intensa agitação política e social, o século XVII inglês tornou-se palco de polémicas a respeito da legitimidade da astrologia. Dado o contexto da época, esses debates envolviam, necessariamente, discutir a compatibilidade entre o cristianismo e a astrologia.

Recursos para interpretar a Bíblia foram buscados com empenho nos procedimentos delineados por Agostinho. Muitas vezes, partindo de um mesmo trecho bíblico, interpretações não só diferentes, mas que endossavam posicionamentos antagônicos entre si, foram produzidas.

Agradecimentos

A autora agradece à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo apoio a esta pesquisa

Bibliografia

- Agostinho. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã* [397-427] Trad. Nair Oliveira
São Paulo: Edições Paulinas, 1991
- Allen, John. *Judicial Astrologers Totally Routed* London. John Allen, 1659.

- Atwell, George. *An Apology, or, Defence of the Divine Art of Natural Astrologie*. London: Samuel Speed, 1660.
- Calvin, Jean. *An admonicion against Astrology iudiciall...* Transl. by G[odred] G[y]lby]. London: Rowlande Hall, 1651.
- Carpenter, Richard. *Astrology Proved Harmless, Usefull, Pious*. London: James Cottrel, 1657.
- Chamber, John. *A Treatise against Iudiciall Astrologie* [1601]. Amsterdam: Theatrum Orbis Terrarum, 1977 (facsimile).
- Crow, Francis. *The Vanity and Impiety of Judicial Astrology* ... London: John Dunton, 1690.
- Ferreira, Juliana Mesquita Hidalgo. *As influências celestes e a Revolução Científica: a astrologia em debate na Inglaterra do século XVII* (Tese de doutoramento em Filosofia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- Heydon, Christopher, Sir. *A defence of iudiciall Astrologie* ... [London]: John Legat, 1603.
- Kirwan, Christopher. *Augustine: the arguments of the philosophers*. London and New York: Routledge, 2001.
- Melton, John. *Astrologaster, or The Figure-Caster*. London: Bernard Alsep, 1620.
- Raunce, John. *Astrologia accusata pariter & condemnata* ... London: J. Clowes, 1650.
- Swan, John. *Signa Coeli* ... London: John Williams, 1652.